

A FILOSOFIA DA USP SOB A DITADURA MILITAR – MARCOS NOBRE

USP'S PHILOSOPHY UNDER THE MILITARY DICTATORSHIP – MARCOS NOBRE

Márcia Gabrielle Rodrigues Laux¹

RESUMO

Este trabalho visa à apresentação de uma reconstrução argumentativa de um artigo de autoria de Marcos Nobre, intitulado *A filosofia da USP sob a ditadura militar* (1999). Nessa pesquisa, o autor apresenta uma breve linha histórica da formação e características do departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo (USP) e a sua disposição durante o período da ditadura militar no Brasil. Nobre analisa como a ditadura marcou a produção filosófica da USP, perpassando os desafios e as estratégias de adaptação e resistência adotadas pelos professores e professoras da época. O artigo também disserta sobre a discrepância entre a existência de excelentes trabalhos de filosofia produzidos e publicados no Brasil e a carência de uma massa crítica e fóruns de debate institucionalizados. Ao apresentar a perspectiva de Nobre, o artigo contribui para a reflexão sobre diferentes metodologias de ensino de filosofia e de fazer filosófico na Educação Superior, assim como, sobre o papel da filosofia em nossa sociedade. Com a finalidade de auxiliar na compreensão do conteúdo da pesquisa de Nobre, foram anexados como apêndice dois mapas conceituais com a reconstrução histórica e argumentativa do autor.

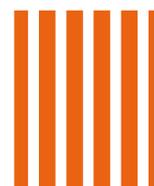
Palavras-chave: Filosofia; Ensino de Filosofia; Ensino Superior; USP; Ditadura Militar.

ABSTRACT

The objective of this study is to present an argumentative reconstruction of Marcos Nobre's article entitled "The Philosophy Course of the University of São Paulo (USP) under Military Dictatorship" (1999). In his research, the author presents a brief historical line of the creation of the Philosophy Department at USP, its characteristics and structure at the time of Brazilian military dictatorship. Nobre analyzes how dictatorship marked the philosophical production at USP, showing the challenges and strategies of adaptation and resistance adopted by professors at the time. The article also discusses the discrepancy there is between the excellent Philosophy studies produced and published in Brazil and the lack of a critical mass and institutionalized debate forums. By presenting Nobre's perspective, this article contributes to reflect on different methodologies of teaching philosophy and on the philosophical doing in Higher Education, as well as on the role of philosophy in our society. To help understand the content of Nobre's research study, two conceptual maps with the author's historical and argumentative reconstruction were attached as an appendix.

Keywords: Philosophy; Teaching Philosophy; Higher Education; USP; Military Dictatorship.

¹ Graduada em Licenciatura em Filosofia pela UFRGS, Especialista em Filosofia Clínica pela Casa da Filosofia Clínica, Mestranda do PROF-FILO UFRGS 2023/1, professora de Filosofia na rede privada de ensino em Osório/RS e professora de Filosofia na rede municipal de ensino em Porto Alegre/RS.



Introdução

Em dezembro de 1998, sob encomenda da revista alemã *Comparativ*, Marcos Nobre escreve um artigo que apresenta parte significativa da história de formação do Departamento de Filosofia da USP e os impactos causados pela ditadura militar. Em 1999 esse artigo dá origem ao texto *A filosofia da USP sob a ditadura militar*, que será alvo deste trabalho.

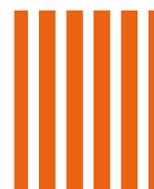
Revisitando a história do Departamento de Filosofia da USP, o autor pretende apresentar um caminho para o entendimento da incoerência entre a existência de excelentes trabalhos de filosofia produzidos e publicados no Brasil e a ausência de uma massa crítica e de fóruns de debate institucionalizados. Para Nobre, a qualidade destes trabalhos se deveu a um movimento duplo, primeiramente, de pretensões exegéticas relacionadas à história da filosofia e do pensamento, assim como da busca por “pensar os problemas clássicos da filosofia em confronto com as questões prementes das ciências, das artes e da realidade social” (NOBRE, p.137). Segundo o autor, a ditadura militar teria produzido uma ruptura nesse segundo movimento, processo que deixou a filosofia isolada de seus parceiros tradicionais nas ciências e nas artes, situação que afirmava ainda ser perpetrada no período em que o artigo foi escrito. Essa leitura é extraída de diversas fontes de informação, contando inclusive com testemunhos orais, marcando a importância das conversas que teve com José Arthur Gianotti, além de informações de quartas-capas e orelhas de livros.

A Carência Estrutural da Filosofia Universitária Brasileira: Tese do Movimento Duplo e a Tese do Isolamento do Departamento de Filosofia Durante a Ditadura Militar

Marcos Nobre parte a sua argumentação dessa afirmação de que a filosofia universitária brasileira tem como característica uma carência estrutural, a de não existir “nas suas fileiras consistência suficiente nem mesmo para a institucionalização do debate intelectual público especializado”. (Nobre, p.137) A partir dessa proposição, o autor apresentará duas teses.

A primeira tese é de que a Filosofia do Departamento da USP utilizava-se daquela estratégia do movimento duplo e simultâneo - a exegese da história da filosofia e a reflexão sobre os problemas filosóficos sob a luz das artes, das ciências e da realidade social - para suprir essa carência. O primeiro movimento diz respeito a

[...] concentração de forças no desenvolvimento de técnicas de leitura de texto em que os clássicos do pensamento são lidos de acordo com um conjunto de modelos inspirados



no princípio de autofundação típico dos sistemas filosóficos modernos: todo pensador é considerado unidade isolada e autônoma e deve ser compreendido a partir de suas próprias premissas e segundo seus próprios desenvolvimentos. (NOBRE, Marcos. Pág. 138)

Essa concentração de forças foi positiva na medida em que podiam estudar de forma produtiva todos os clássicos do pensamento, porém não houve a aquisição de técnicas e conhecimentos historiográficos, paleográficos e filológicos. Em relação a essas e outras carências, eram supridas com a matéria disponibilizada pelas ciências e pelas artes. Nobre apresenta a interdisciplinaridade advinda da necessidade estrutural para que houvesse o florescimento dos trabalhos de pesquisa em todas as áreas e não somente na filosofia já que, “nenhuma das disciplinas das ciências humanas ou de crítica e teoria da arte dispunha de massa crítica suficiente para um salto teórico”. (Nobre, p.138) Com esses “consórcios”, a filosofia também fornecia a “sociólogos, economistas, teóricos e críticos de arte, antropólogos, historiadores e politicólogos uma perspectiva conceitual que, no mínimo, abria horizontes”. (Nobre, p.138)

No decorrer do artigo, outra disparidade é levantada pelo autor, a de que a Filosofia da USP teria sido “relativamente poupada dos estragos causados pela ditadura militar à universidade brasileira”. (Nobre, p.139) Surge daí a sua segunda tese, a qual situa o isolamento da filosofia – que ainda perdurava em 1999 - frente às outras disciplinas, como efeito de uma tática de sobrevivência à ditadura militar e se agravando ainda mais com a crescente das especializações. O fato de não trabalharem mais em regime interdisciplinar e ainda não estarem equipados de elementos materiais suficientes para o desenvolvimento de uma especialização bem-sucedida, prejudica o desenvolvimento de uma massa crítica e de fóruns de debate institucionalizados. Para analisar esse panorama, Nobre apresenta uma breve reconstrução da história do Departamento de Filosofia da USP desde o seu nascimento.

Reconstrução da História do Departamento de Filosofia da USP: Metodologias e Estratégias

Fundada em 1934, A Universidade de São Paulo teve os seus primeiros professores recrutados na Europa, sobretudo da França, Alemanha e Itália. No caso da cátedra de Filosofia, ela foi inteiramente francesa.

De 1934 a 1951, ocuparam o posto francês na Filosofia da USP Etienne Borne (1934-35), Jean Maugué (1935-44) e Gilles Gaston-Granger (1947-51), que foi substituído por Claude Lefort. O primeiro brasileiro a ocupar a cátedra de Filosofia foi João Cruz Costa, a partir de 1950, sendo depois acompanhado por seu colega Lívio Teixeira, a partir de



1955. Além disso, vários foram os professores visitantes nesse período, incluindo nomes como os de Martial Guérout e Jules Vuillemin. (NOBRE, Marcos. Pág. 139 e 140)

Segundo Nobre, o que viria a ser o curso de Filosofia da USP se desenvolve no período em que Gilles Gaston-Granger estava em São Paulo. Granger aliou a “formação acadêmica exemplar francesa da exegese dos textos clássicos da história da filosofia” (Nobre, p.140) às “investigações concretas sobre as tendências recentes da matemática e da física” (Nobre, p.140) e incentivava os alunos a buscarem conhecimentos de pelo menos uma disciplina científica canônica.

Desse modo, a primeira geração de estudantes de filosofia brasileiros estava marcada pelo acoplamento das questões filosóficas a problemas concretos da ciência e obrigada a pensar esse acoplamento segundo rígidos padrões de leitura dos clássicos do pensamento filosófico e científico. (NOBRE, Marcos. Pág. 140)

Na década subsequente aparecem nomes como José Arthur Giannotti, Oswaldo Porchat, Bento Prado Jr. e Ruy Fausto.

Em 1958, José Arthur Giannotti torna-se professor assistente e carrega em sua bagagem a experiência da “convivência com grupos culturais vanguardistas e dos círculos de estudos filosóficos extra-universitários” (Nobre, p.141). Seguindo a tendência de Granger, Giannotti frequenta o curso de Matemática da USP e também se aproxima de estudantes da área de ciências sociais, história e economia. A partir de 1958, com esses estudantes que havia se aproximado, formará um grupo externo à Universidade intitulado Seminários Marx, cujo objetivo era ler e discutir os teóricos clássicos do direito, da economia e das ciências sociais. Mostrando a importância da interdisciplinaridade e também uma das contribuições da filosofia para as outras áreas, o autor ressalta que

[...] Giannotti desempenhou aí um papel decisivo para o desenvolvimento dos trabalhos, já que as técnicas de análise de texto que trazia do curso de Filosofia forneceram o modelo para a circunscrição e a convivência produtiva das diferentes posições políticas presentes, favorecendo o esforço coletivo. (NOBRE, Marcos. Pág. 141)

Sobre Oswaldo Porchat, Nobre ressalta que ele se aproximou das ideias de Victor Goldschmidt e de Martial Guérout, que defendiam que o período dos sistemas filosóficos havia terminado, reservando aos estudiosos da área da filosofia “unicamente a reconstrução das filosofias do passado mediante rigorosos procedimentos de explicação de texto” (Nobre, p.142).

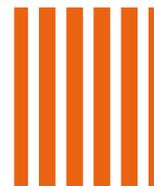
Bento Prado Jr. dedicou-se ao problema da linguagem e utilizava “recursos da literatura e da análise literária para encaminhar questões filosóficas clássicas”. (Nobre, p.142) Em relação ao trabalho de Bento Prado, Nobre aponta que o “consórcio de crítica da cultura” tinha o caráter de apresentar as questões concretas a serem enfrentadas juntamente com um problema filosófico.

Já Ruy Fausto trazia consigo a experiência da militância marxista, juntamente com uma leitura original da obra de Marx. Nesse período, os “novos procedimentos técnicos de leitura e análise de textos clássicos da filosofia” (Nobre, p.142) já estavam se consolidando e faziam parte de um tipo de programa desta nova geração, o que fazia com que a interpretação política e ativista de Rui precisasse passar pela leitura rigorosa de texto. Ruy Fausto também era adepto do “consórcio das ciências humanas e das artes” e teve marcante papel na criação da revista Teoria e Prática, publicada pela primeira vez em 1967. Em 1968, o professor consegue escapar das consequências mais imediatas da imposição do AI-5 transferindo-se para o Chile e depois estabelecendo residência na França.

Em março de 1969 Bento Prado Jr. e Gianotti foram aposentados precocemente de sua atuação profissional na Universidade. Porém, optando pela resistência à ditadura, permaneceram no Brasil e, juntamente com antigos colegas, fundam o Cebrap². A interdisciplinaridade das pesquisas desenvolvidas no Cebrap deixa viva, de certo modo, a linha do “consórcio das ciências humanas”. Porém, dentro das universidades, já estava instaurado o momento de ruptura causado pelo AI-5, atingindo todas as áreas do conhecimento.

[...] No caso das ciências humanas, essas arbitrariedades vieram no exato momento em que os diversos "consórcios" teóricos e políticos esperavam dar o salto qualitativo para o qual já vinham há pelo menos vinte anos acumulando forças: em direção ao desenvolvimento autônomo e democrático, para alguns, e à revolução socialista, para outros. [...] Até meados da década de 70, a repressão vencia por larga margem na universidade: as linhas de ensino e de pesquisa estavam desmanteladas, as tentativas de compreender o fenômeno ditatorial brasileiro eram precárias e as forças de oposição estavam extremamente desorganizadas. (NOBRE, Marcos. Pág. 143)

² O Centro Brasileiro de Análise e Planejamento – CEBRAP – foi criado em 1969, por um grupo de professores de diferentes áreas afastados das universidades pela ditadura militar, para ser um espaço de produção de conhecimento crítico e independente no Brasil. O Cebrap é um centro de pesquisa globalizado, mantendo parcerias internacionais com institutos, universidades, agências de fomento e associações civis de diversos países, como EUA, Reino Unido, Alemanha, França, Índia, China, México, África do Sul, entre outros. O foco do Cebrap é a análise da realidade brasileira, com um estilo de trabalho que enfatiza a comparação e combina a especialização e a interdisciplinaridade, em diálogo constante entre as diferentes perspectivas teóricas e metodológicas das áreas de origem de seus pesquisadores: sociologia, política, demografia, direito, filosofia, história, antropologia, economia e geografia.



Segundo Marcos Nobre, o Departamento de Filosofia da USP se preserva dos ataques da ditadura com o seu processo de especialização e distanciamento frente às ciências humanas no período subsequente aos governos militares.

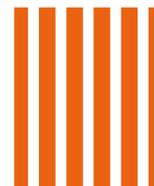
Oswaldo Porchat acaba se aproximando do viés da filosofia analítica, retomando os ensinamentos de Granger em uma linha de reunião com pesquisadores das ciências naturais como física, matemática e lógica. Porchat transfere-se para a Unicamp e cria o Centro de Lógica e Epistemologia (CLE)³, “primeira tentativa sistemática e de envergadura de introduzir a filosofia analítica no Brasil”. (Nobre, p.144) Bento Prado Jr. também participou do CLE, interessado no problema mais geral da linguagem e suas questões filosóficas, assim como na epistemologia da psicologia e da psicanálise, influenciando - através da criação do curso de pós-graduação Fundamentos Filosóficos da Psicologia e Psicanálise - estudos freudianos no Brasil.

Marcos Nobre também aponta os nomes de Gilda de Mello e Souza, Maria Sylvia de Carvalho Franco e Marilena Chaui, como figuras importantes no contexto de ruptura marcado pelo AI-5. O trabalho dessas professoras sofria sabotagens e ameaças constantes de intervenção, prisão ou de cassação, com espões que se passavam por alunos. Porém, apesar das dificuldades, conseguiram permanecer na Universidade e manter o padrão de ensino de filosofia que haviam alcançado até então.

Gilda de Mello e Souza pertenceu ao grupo da revista *Clima* e foi a principal responsável pela criação da *Discurso* - revista oficial do Departamento de Filosofia da USP, como forma de resistência intelectual ao contexto repressor da época. Gilda também foi responsável pela criação e desenvolvimento da área de Estética e em 1969 assumiu a chefia do Departamento de Filosofia.

Marilena Chaui entrou para o Departamento em 1967 e, juntamente com Maria Sylvia de Carvalho Franco, além de orientarem teses em moldes acadêmicos sobre temas clássicos da filosofia, também dirigiram um programa de orientação de trabalhos de pesquisa sobre a realidade brasileira que, apesar das dificuldades aparentes, tentava dar continuidade à tradição do "consórcio das ciências humanas". Como as ciências sociais se encontravam extremamente fragilizadas, Marilena e Maria decidiram assumir uma política de compensação, em que a Filosofia da USP passava a assumir também as funções tradicionais das ciências

³ O CLE foi projetado e organizado em 1976, e implantado oficialmente na UNICAMP em 1977, pelo Professor Oswaldo Porchat Pereira, tendo como membros docentes e pesquisadores de vários Institutos e Faculdades da UNICAMP e de outras Universidades brasileiras e estrangeiras. Criado com o objetivo central de desenvolver atividades nas áreas de Lógica, Epistemologia e História da Ciência, bem como pesquisas interdisciplinares, o CLE mantém intenso intercâmbio acadêmico com pesquisadores e instituições do Brasil e do exterior; organiza regularmente seminários e encontros científicos; coordena trabalhos de pesquisa; assessora cursos de pós-graduação de natureza interdisciplinar; mantém acervo bibliográfico e acervo de documentação que proporcionam subsídios a pesquisadores e estudantes; e promove a publicação de duas revistas e uma coleção de livros.



sociais, dirigindo trabalhos de orientação e pesquisa sobre a realidade brasileira. Porém, segundo Nobre, em termos intelectuais o resultado do programa foi modesto, mas é inegável a “importância da colaboração desse engajamento aberto e corajoso contra a ditadura no agrupamento mais amplo das forças de oposição ao regime militar”. (Nobre, p.147)

Na década de 80, momento em que a aliança da filosofia com as ciências humanas e as artes está bloqueada, jovens professores moldam o perfil do departamento concentrando seus trabalhos naqueles “instrumentos pedagógicos e procedimentos acadêmicos de leitura de texto” (Nobre, p.147), os estudos monográficos de Martial Guérout e Victor Goldschmidt. Nobre cita Rubens Rodrigues Torres como figura marcante do período que seguia este padrão de investigação filosófica calcado na leitura estrutural de texto e pressupunha uma terminologia filosófica em português, fazendo com que ele também se dedicasse à tradução de clássicos da filosofia. Entretanto, Rubens Torres também era poeta e, de certo modo, retoma o “consórcio de crítica da cultura” ao “animar a revista *Almanaque*, um importante fórum de discussão de estética, de crítica de arte e de cultura”. (Nobre, p.149)

Considerações Finais

Por fim, o autor exhibe uma rápida reconstrução de sua exposição histórica e argumentativa, resumindo os quatro caminhos trilhados por professores (as) ou grupos de professores (as) do Departamento de Filosofia da USP como resposta ao regime militar. Primeiramente foi citado o Gianotti com a criação do Cebrap, depois a alternativa de Porchat de introduzir a filosofia analítica no Brasil, mas já na Unicamp. Posteriormente a “linha de pesquisa sobre a realidade brasileira sob a coordenação de Marilena Chaui e Maria Sylvania de Carvalho Franco” (Nobre, p.149) e como quarta resposta os que optaram por priorizar “a sistematização, explicitação e aplicação de mecanismos pedagógicos e de formação” (Nobre, p.149), que já eram corriqueiros na Filosofia da USP. É este último que se torna hegemônico no período pós-ditatorial e, na visão de Nobre, é o único projeto que permaneceu de forma orgânica e organizada no Departamento, auxiliando na melhor sobrevivência ao contexto, quando comparada às ciências humanas e da crítica da cultura. Para o autor, essa especificidade faz com que a Filosofia da USP perca parte de sua própria vitalidade e contribua para a ausência de uma massa crítica e de fóruns de debate institucionalizado no Brasil.

Referências

CEPRAB. Página institucional. Disponível em: <<https://cebrap.org.br/institucional/>> Acesso em: 26 de jul. de 2023

CLE Unicamp. Página institucional. Disponível em: <<https://www.cle.unicamp.br/cle/sobre-o-cle>> Acesso em: 26 de jul. de 2023

CNPQ. Currículo do Sistema de Currículos Lattes (Marcos Severino Nobre). Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/5494800835674977>> Acesso em: 24 de jul. de 2023

NOBRE, Marcos. A filosofia da USP sob a ditadura militar. São Paulo: Editora Revista Novos Estudos, 1999.

APÊNDICE A

MARCOS SEVERINO NOBRE (1965 -)

A filosofia da USP sob a ditadura militar



Marcos Nobre é um filósofo e cientista social brasileiro que atua na área de TEORIA CRÍTICA e pensamento ético-político. É Professor Livre-Docente do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, presidente do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento.

RESUMO
Examinando o caso do Departamento de Filosofia da USP, o artigo procura explicar a **DISPARIDADE** entre:

AUSÊNCIA DE MASSA CRÍTICA E DE FÓRUMS DE DEBATE INSTITUCIONALIZADOS	EXCELENTE QUALIDADE DE MUITOS TRABALHOS DE FILOSOFIA PRODUZIDOS NO BRASIL.
---	--

1ª TESE: a Filosofia no Departamento da USP sempre se caracterizou por buscar compensar sua relativa indigência por esse movimento duplo e simultâneo (a e b).

2ª TESE:

- Na situação atual (1998), que segue sendo a de uma **reconstrução das ciências humanas**, o **ISOLAMENTO DA FILOSOFIA FRENTE A OUTRAS DISCIPLINAS AINDA É EFEITO DE SUA TÁTICA DE SOBREVIVÊNCIA À DITADURA MILITAR.**
- Causa uma **SITUAÇÃO PARADOXAL:** não trabalhamos mais em regime interdisciplinar, mas também não há elementos materiais suficientes para realizar uma especialização bem-sucedida.
- É nesse contexto que devemos **EXAMINAR O CASO SINGULAR DO DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA DA USP**, buscando explicar tanto o seu relativo sucesso em sobreviver aos ataques da ditadura militar como seu processo de progressiva especialização e seu isolamento do conjunto das ciências humanas no período que se seguiu à redemocratização.

a) se deveu a um movimento de pretensões estritamente exegéticas voltado para a própria história da filosofia e do pensamento

b) movimento que buscou pensar os problemas clássicos da filosofia em confronto com as questões prementes das ciências, das artes e da realidade social.

A ditadura militar produziu uma ruptura nesse processo, provocando um isolamento da filosofia de seus parceiros tradicionais nas ciências e nas artes, situação que perdura até hoje.

a) uma concentração de forças no **DESENVOLVIMENTO DE TÉCNICAS DE LEITURA DE TEXTO** em que os clássicos do pensamento são lidos de acordo com um conjunto de modelos inspirados no princípio de autofundação típico dos sistemas filosóficos modernos: **TODO PENSADOR É CONSIDERADO UNIDADE ISOLADA E AUTÔNOMA** e deve ser compreendido a partir de suas próprias premissas e segundo seus próprios desenvolvimentos.

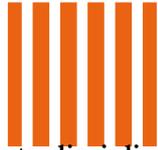
b) Uma **COMPLEMENTAÇÃO COM A MATÉRIA QUE LHE ERA FORNECIDA PELOS DESENVOLVIMENTOS DAS CIÊNCIAS E DAS ARTES.** Com isso, ganhava corpo e ao mesmo tempo podia fornecer a sociólogos, economistas, teóricos e críticos de arte, antropólogos, historiadores e politicólogos uma perspectiva conceitual que, no mínimo, abria novos horizontes.

ISOLADAMENTE, NENHUMA DAS DISCIPLINAS DAS CIÊNCIAS HUMANAS OU DE CRÍTICA E TEORIA DA ARTE DISPUNHA DE MASSA CRÍTICA SUFICIENTE PARA UM SALTO TEÓRICO, de modo que foi preciso constituir "consórcios" tanto no âmbito das ciências humanas como no de crítica da cultura, de modo que a **INTERDISCIPLINARIDADE** não foi apenas um desejo dos vários participantes, mas uma **NECESSIDADE ESTRUTURAL** para que as linhas de trabalho e de pesquisa específicas pudessem florescer.

A FILOSOFIA entrou na condição de **sócia menor** nos consórcios interdisciplinares assim formados: **AS CIÊNCIAS SOCIAIS E A CRÍTICA DA CULTURA JÁ DISPUNHAM DE UMA TRADIÇÃO MUITO MAIS ANTIGA NO BRASIL** e determinavam a pauta dos problemas a serem enfrentados.

2ª DISPARIDADE A SER EXPLICADA: a Filosofia da USP foi relativamente **POUPADA DOS ESTRAGOS CAUSADOS PELA DITADURA MILITAR À UNIVERSIDADE BRASILEIRA** como um todo e às ciências humanas em particular, e no entanto ela **SE ENCONTRA HOJE ISOLADA DAS SUAS DEMAIS "PARCEIRAS"**, perdeu seus vínculos interdisciplinares.





APÊNDICE B

A filosofia da USP sob a ditadura militar MARCOS SEVERINO NOBRE (1965 -)

- fundada em 1934.
- Primeiros professores foram recrutados na Europa (principalmente Itália, França e Alemanha)
- No caso da cátedra de Filosofia, a tarefa de moldar a nova disciplina universitária foi inteiramente francesa.

De 1934 a 1951, ocuparam o posto francês na Filosofia da USP



Etienne Borne (1934-35) Jean Maugué (1935-44) Gilles Gaston-Granger (1947-51) Claude Lefort João Cruz Costa (1950-)

Departamento de Filosofia da USP se preserva dos ataques da ditadura com o seu processo de progressiva especialização e isolamento frente ao conjunto das ciências humanas no período que se seguiu aos governos militares.

A DITADURA MILITAR
É o momento de ruptura representado pelo AI-5 que parece explicar os desenvolvimentos subsequentes. As prisões, aposentadorias compulsórias e exílios atingiram duramente todas as áreas do conhecimento na universidade brasileira.



Marco de 1969 - Bento e Giannotti foram aposentados precocemente, sendo afastados da Universidade.

- É durante a estadia de Granger em São Paulo que se cristaliza o que viria a ser o curso de Filosofia da USP.
- Formação acadêmica exemplar francesa da exegese dos textos clássicos da história da filosofia a investigações concretas sobre as tendências recentes da matemática e da física, incentivando seus alunos a adquirir conhecimentos sólidos em pelo menos uma disciplina científica canônica.



Lívio Teixeira (1955-)

Essas professoras não foram afastadas da Universidade pela ditadura e coube a elas a maior parte do mérito tanto pela manutenção do nível do curso de Filosofia da SP como pela sua própria existência autônoma, já que não foram poucas as sabotagens e ameaças de intervenção direta.



Gilda de Mello e Souza

- Pertenceu ao grupo reunido em torno da revista *Clima*.
- No Departamento de Filosofia da USP, foi responsável pela criação e desenvolvimento da área de Estética.
- Durante a crise de 1969, assumiu a chefia do Departamento.
- Principal responsável pelo lançamento da revista *Discurso* (resistência intelectual ao contexto).

Maria Sylvia de Carvalho Franco (1968-)



Marilena Chaui (1967-)

- Ela e Maria tentaram dar continuidade à tradição então Departamento do "consórcio das Ciências Sociais humanas" da USP.
- Dirigiram programa de orientação de trabalhos de pesquisa sobre a realidade brasileira



- Em **MEADOS DA DÉCADA DE 80**, jovens professores moldam o perfil do departamento concentrando seu trabalho naqueles instrumentos pedagógico e procedimentos acadêmicos de leitura de texto (aliança com as ciências humanas e as artes bloqueadas).
- Instrumento: os estudos monográficos de Martial Guéroult e Victor Goldschmidt.

Rubens Rodrigues Torres Filho

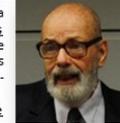
- Figura proeminente e emblemática / Revista Almanaque



José Arthur Giannotti (1958-)

- Trazia a experiência da convivência com **grupos culturais** vanguardistas e dos círculos de estudos filosóficos extra-universitários.

- **Frequenta o curso de Matemática** da USP e se aproxima de jovens estudantes de ciências sociais, história e economia, com quem, a partir de 1958, irá formar um **grupo de discussão** externo à Universidade (Seminários Marx) que se propunha a ler teóricos clássicos do direito, da economia e das ciências sociais.



Oswaldo Porchat

Aproxima-se das ideias de Victor Goldschmidt e de Martial Guéroult, cuja tese fundamental era a de que o tempo dos sistemas filosóficos tinha chegado ao fim, cabendo aos estudiosos de filosofia unicamente a reconstrução das filosofias do passado mediante rigorosos procedimentos de explicação de texto.



Bento Prado Jr.

Dedicou atenção ao problema da linguagem, utilizando frequentemente recursos da literatura e da análise literária para encaminhar questões filosóficas clássicas. As questões concretas enfrentadas ou por enfrentar vinham de par com a interrogação de um problema filosófico.



Ruy Fausto

- Trazia consigo a experiência militância marxista.

- Marcante papel na criação da revista *Teoria e Prática*.

- 1969 se obriga a ir para o Chile.

- 1972 vai para a França

Rumos do Departamento nas décadas subsequentes:



Centro de Lógica e Epistemologia (CLE). Filosofia Analítica

